

Documentos

Documentos

Análise gráfica das ocorrências de suicídios entre os Kaiowá/Guarani, no Mato Grosso do Sul, entre 1981 e 2000

Antônio Brand*
Katya Vietta*

Os gráficos aqui apresentados são provenientes de levantamentos realizados por pesquisadores do Programa Kaiowá/Guarani *in loco*, através da imprensa regional, junto à FUNAI e, a partir de 1999, junto à FUNASA/MS. Contudo, devido a diversas limitações para a realização de um registro exato sobre este tipo de dados, os números aqui divulgados podem apresentar alguma margem de erro. Embora haja registros sobre a ocorrência de suicídios entre os Kaiowá/Guarani em período anterior a 1981, este ano é tomado como referência limite, devido a impossibilidade de garantir dados precisos antes desta data.

A análise dos gráficos sobre taxas de suicídio entre os Kaiowá/Guarani no período indicado, mais do que conclusões e respostas, permite a formulação de muitas perguntas, ainda sem respostas conclusivas. Após três anos de relativa estabilização no número de ocorrência de suicídios – 1996: 28 casos, 1997: 29 casos e 1998: 29 casos, este número volta a subir em 1999 e 2000. Entre as áreas indígenas com maior incidência por ano estão Dourados – em especial na região do Bororo, Panambizinho e Amambai. Chama atenção a redução do número de suicídios, no ano de 2000, em Dourados e Panambizinho e o significativo aumento, durante o mesmo período, nas áreas de Amambai e Limão Verde.

Tendo em vista a relação entre densidade populacional e o número de casos por área indígena, no período abrangido pela pesquisa, a porcentagem mais alta de suicídios ocorreu em Panambizinho. Ao que tudo indica, um dos fatores que interfere nesta alta porcentagem é o clima de instabilidade decorrente dos conflitos de terra, especialmente, no decorrer do ano de 1999¹. Confrontando os índices de suicídios, levantados nos últimos 20 anos, com o contingente populacional de cada área indígena, percebe-se que as maiores porcentagens foram registradas em Panambizinho, Pirakuá Guaimbé, Jaguari, seguido de Dourados, Campestre e Takuapery.

* Pesquisadores do Programa Kaiowá/Guarani – NEPPI/UCDB.

Embora em números absolutos, a maior incidência de suicídios ocorra nas reservas demarcadas pelo Governo até o ano de 1928, em números relativos à incidência é bastante significativa em aldeias pouco populosas e relativamente isoladas da pressão dos centros urbanos.

Entre os anos de 1981 e 2000, contabiliza-se um total de 436 casos de suicídios, mas cabe atentar que a partir de 1990 este número vem aumentando de forma assustadora. Um total de 389 casos foram registrados entre os anos de 1990 e 2000. É sobre os jovens adultos que incide as maiores taxas. Dos 436 casos levantados, 225 estão entre pessoas de 12 a 21 anos, com uma incidência de 91 casos entre 15 a 18 anos. Trata-se, portanto, de um fenômeno que atinge de forma especial os jovens adultos.

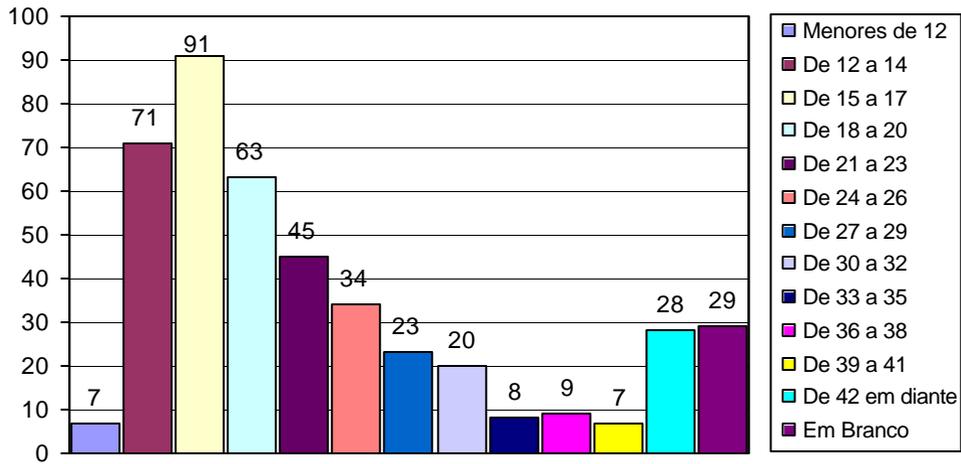
Embora as causas relacionadas aos suicídios, entre os Kaiowá/Guarani possam ser de várias ordens, a análise dos números sinalizam para uma relação com graves problemas que persistem no interior das áreas indígenas, destacando-se os impasses na ampliação dos territórios, uma vez que os conflitos fundiários têm sido traumáticos para as comunidades indígenas neles envolvidas, bem como a falta de perspectivas para a formulação de alternativas econômicas. O impacto destruturante do trabalho assalariado nas usinas de álcool, a interferência excessiva de várias agências externas, o preconceito em relação às populações indígenas são alguns dos aspectos que têm contribuído para a persistência de uma baixa auto-estima entre essa população.

Analisando as circunstâncias próximas, isto é, as causas alegadas para a prática do suicídio, por parte de familiares e lideranças indígenas, são recorrentes as explicações remetendo a conflitos pessoais e à quebra de relacionamentos familiares ou afetivos, seja entre esposos, filhos, namorados, e, ainda, ligados à violência física ou sexual. A gravidade e a complexidade desse fenômeno segue desafiando pesquisadores, indigenistas e órgãos públicos. Certamente o aprofundamento da análise do processo histórico do confinamento, além de outras pesquisas em curso, permitirão avançar nas respostas. Cabe também ressaltar a necessidade sobre um maior aprofundamento no que diz respeito às tentativas não efetivadas de suicídio. Certamente este número é tão alarmante quanto ao de casos consumados.

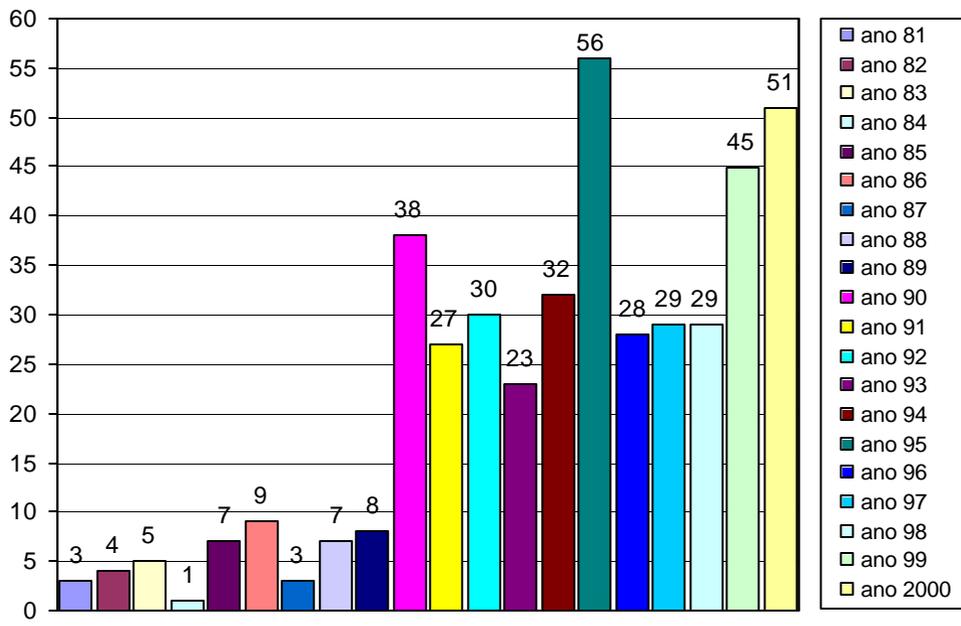
Nota

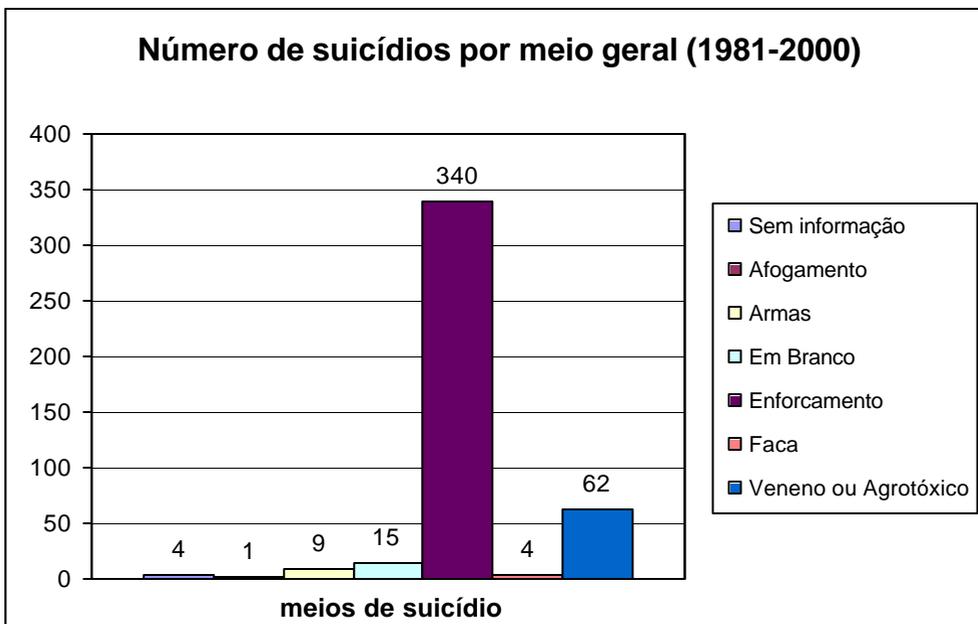
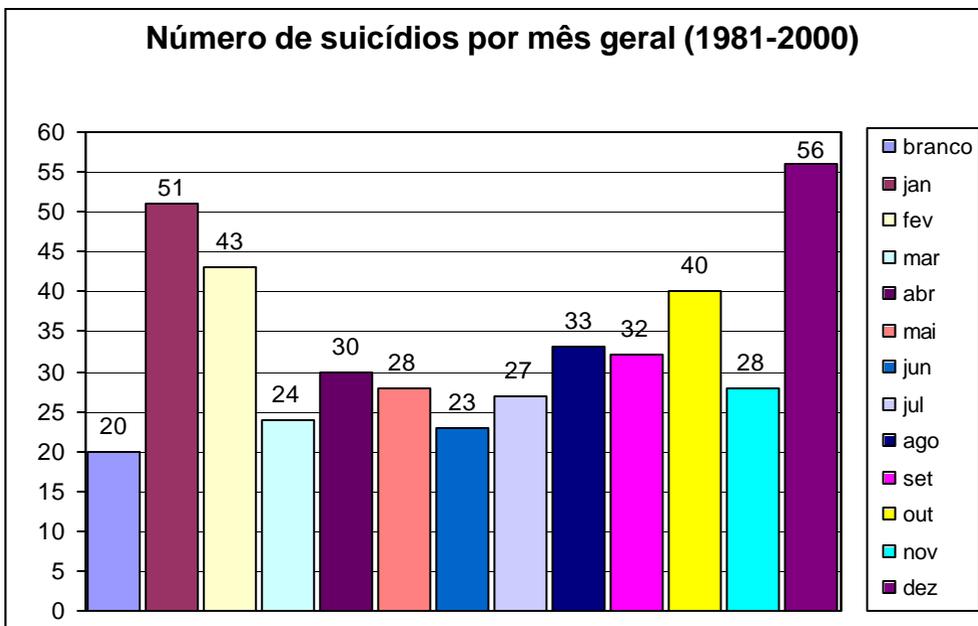
¹ As aldeias Lima Campo (município de Ponta Porã) e Cerro Marangatu (município de Antônio João), não constam no mapa em anexo, pois são áreas recentemente reocupadas, e faltam dados para a sua precisa plotagem.

Número de suicídios geral (1981-2000)

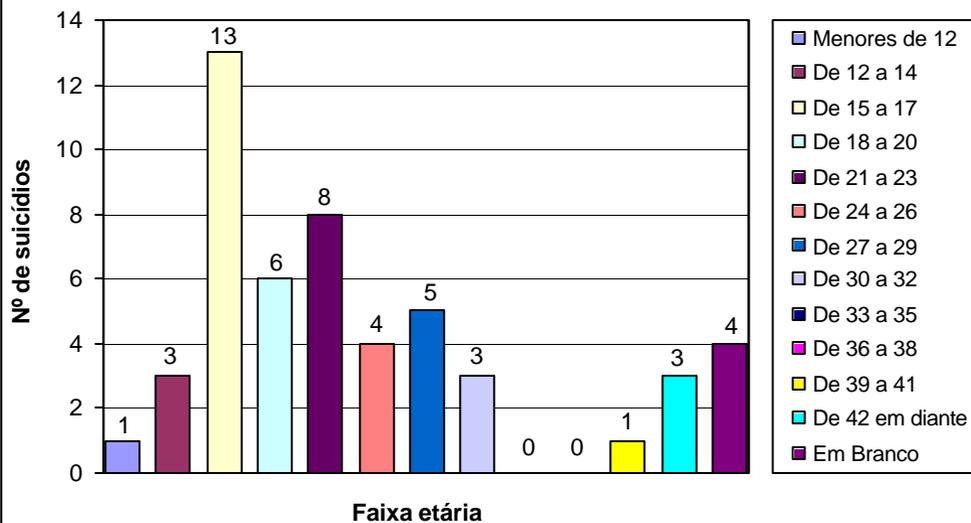


Número de suicídios por ano geral (1981-2000)

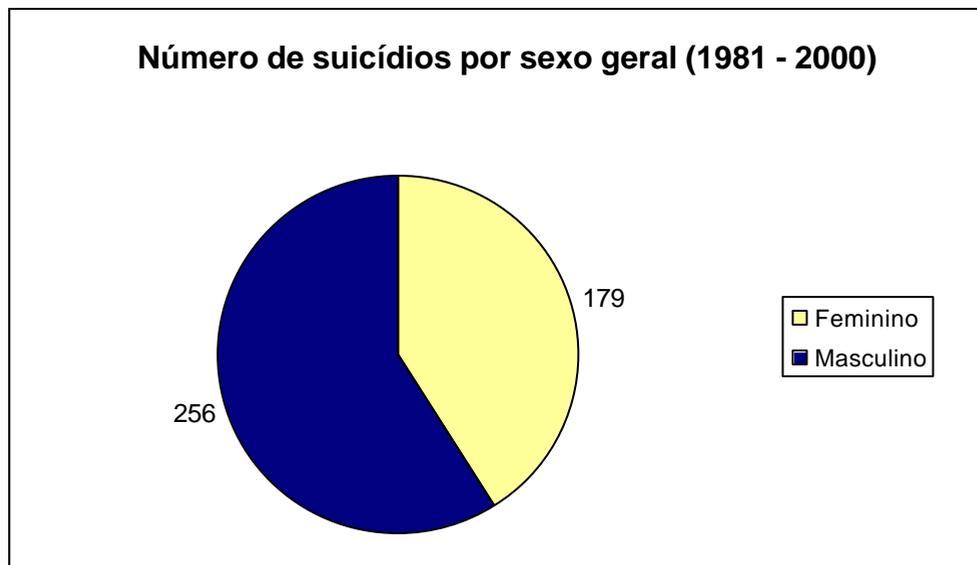


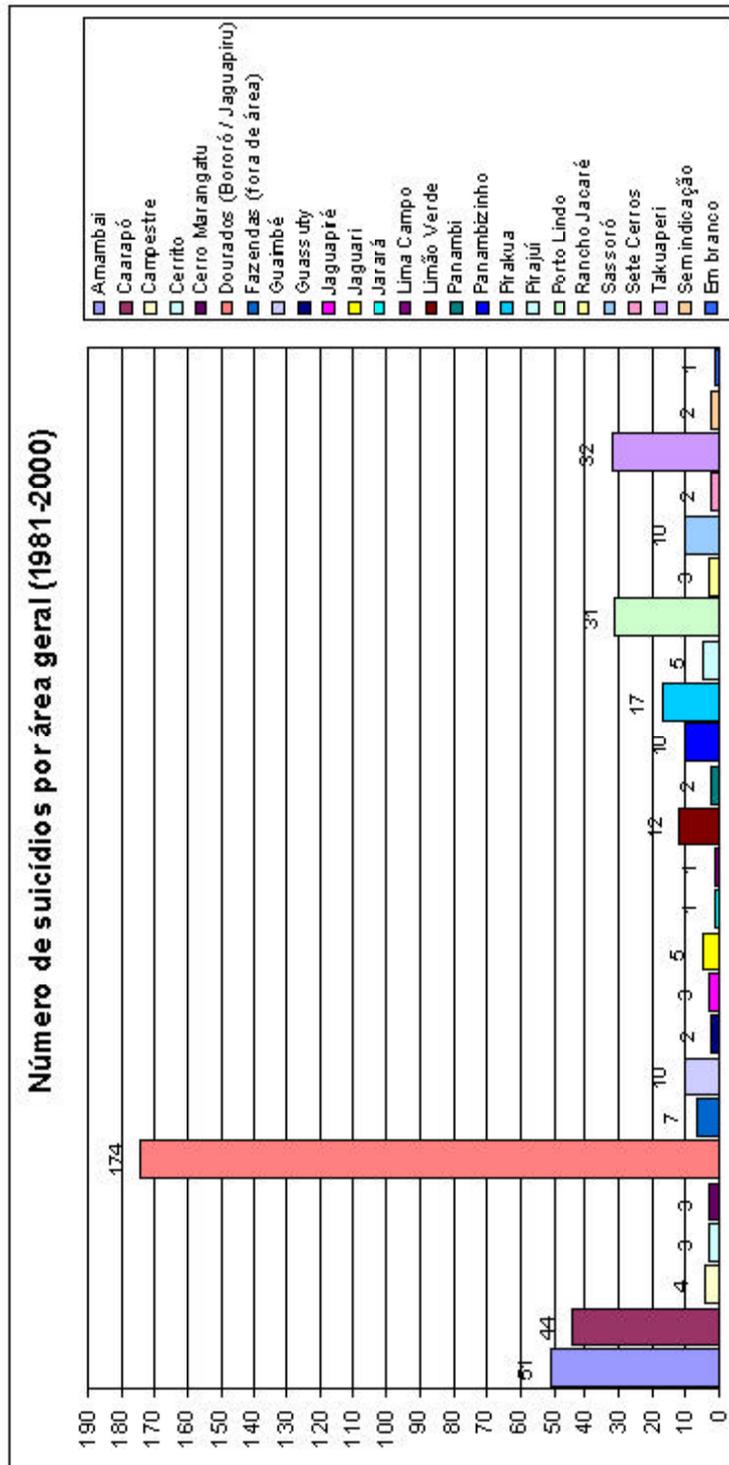


Número de suicídios por faixa etária - 2000

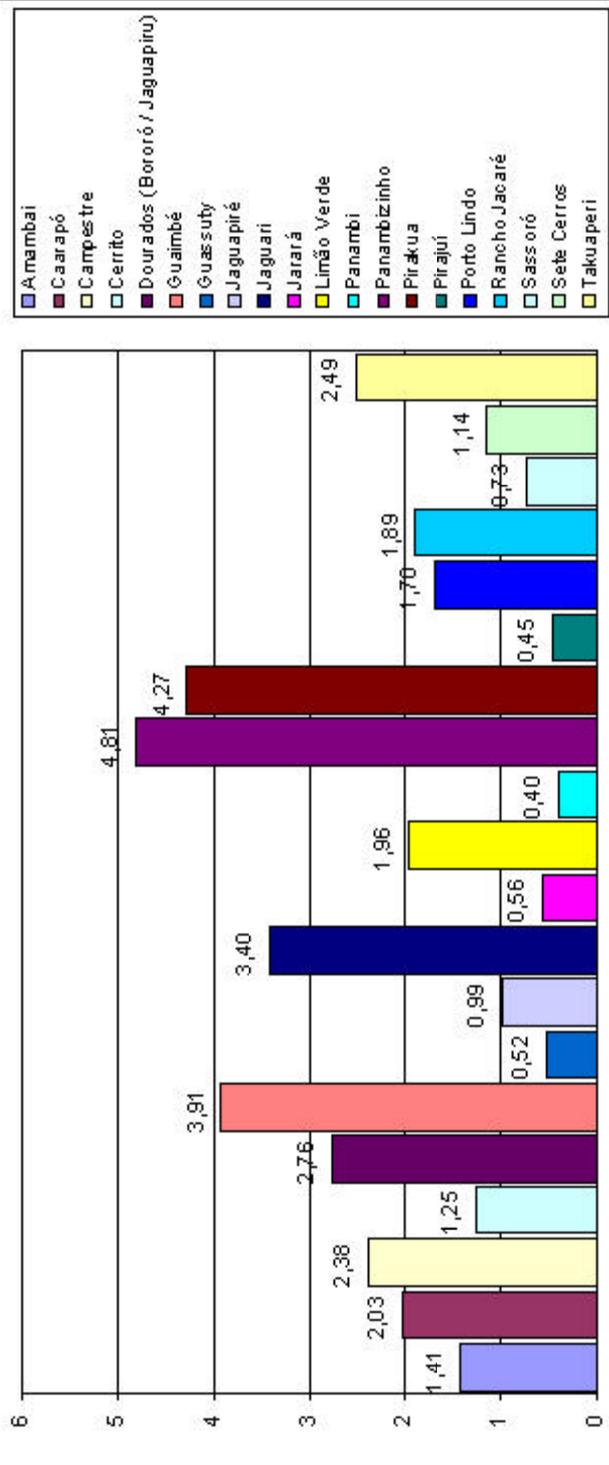


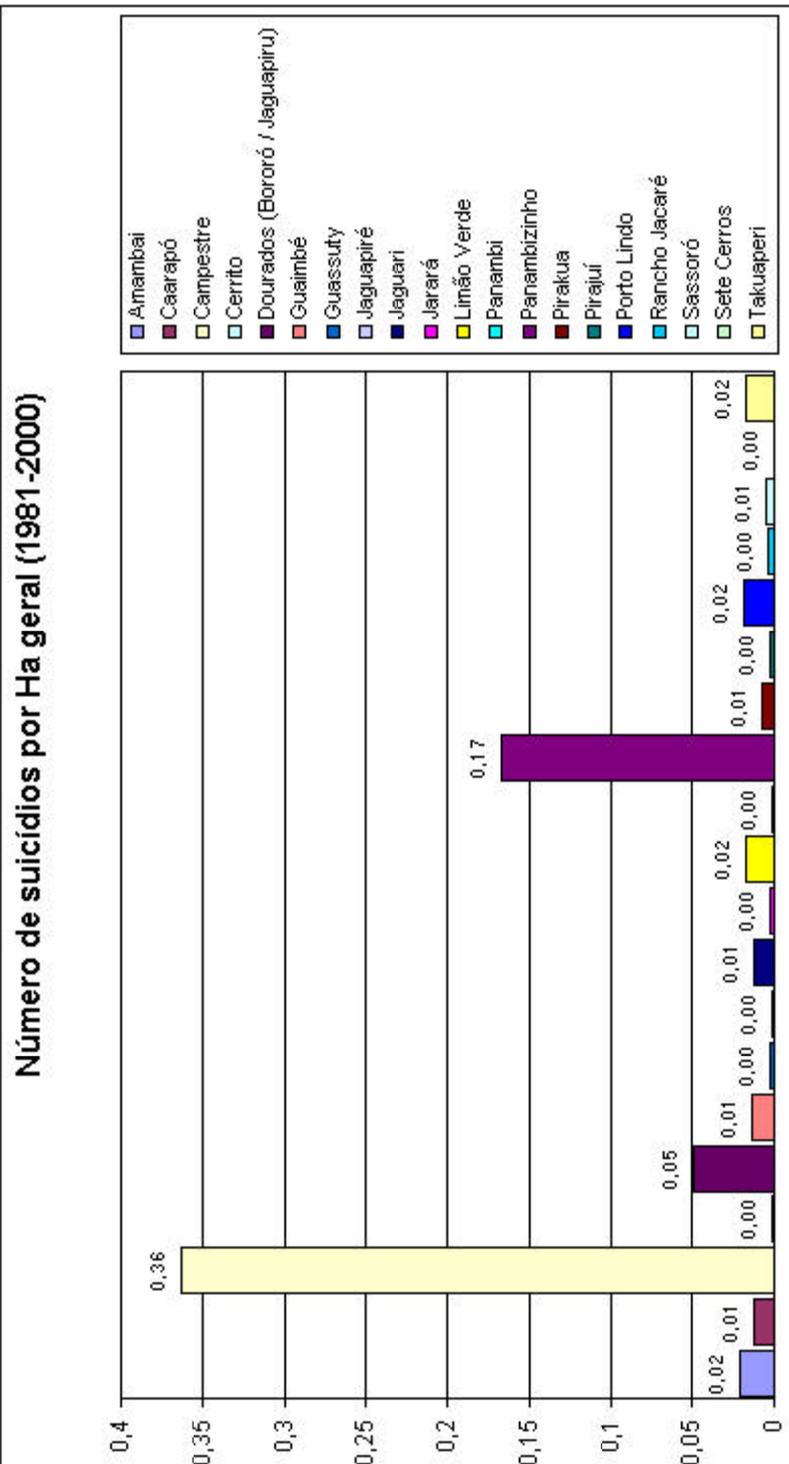
Número de suicídios por sexo geral (1981 - 2000)

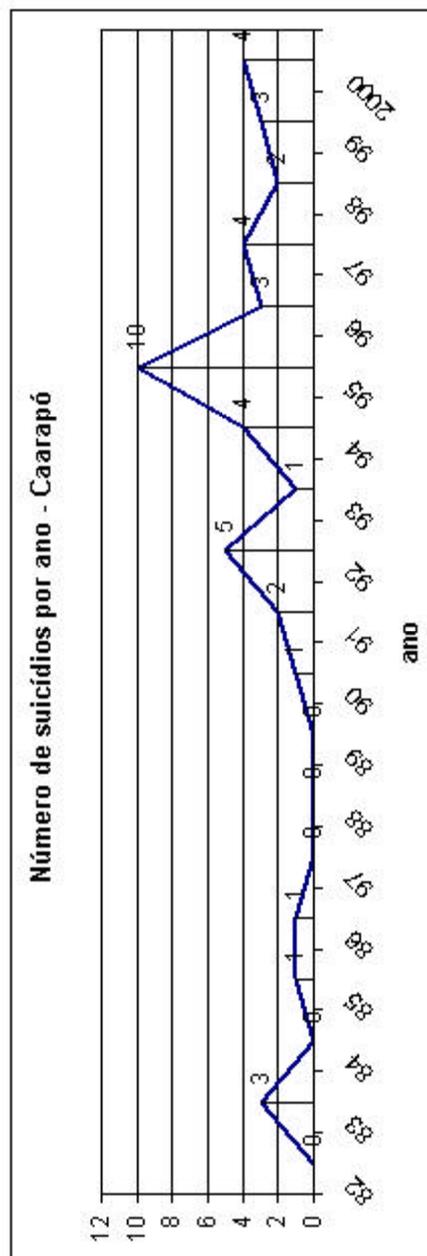
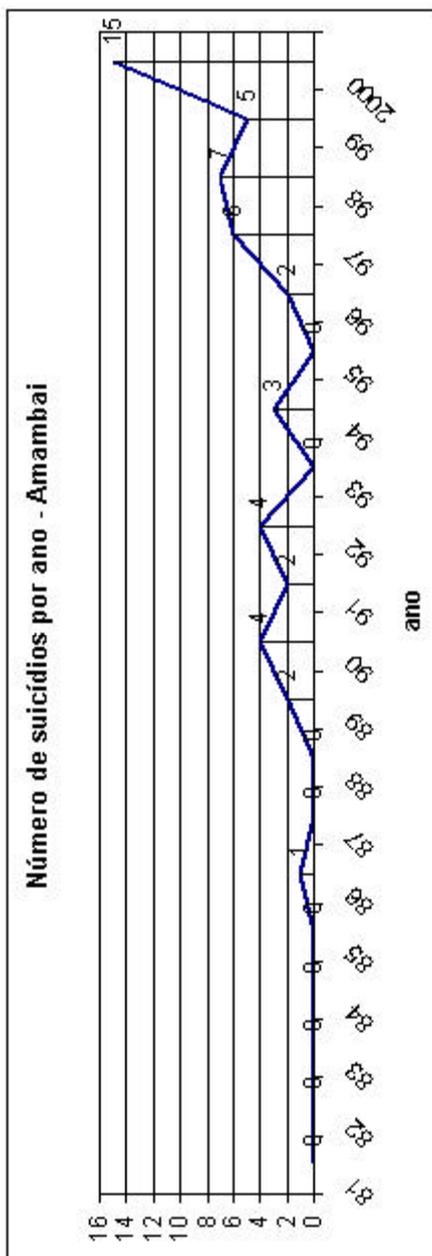


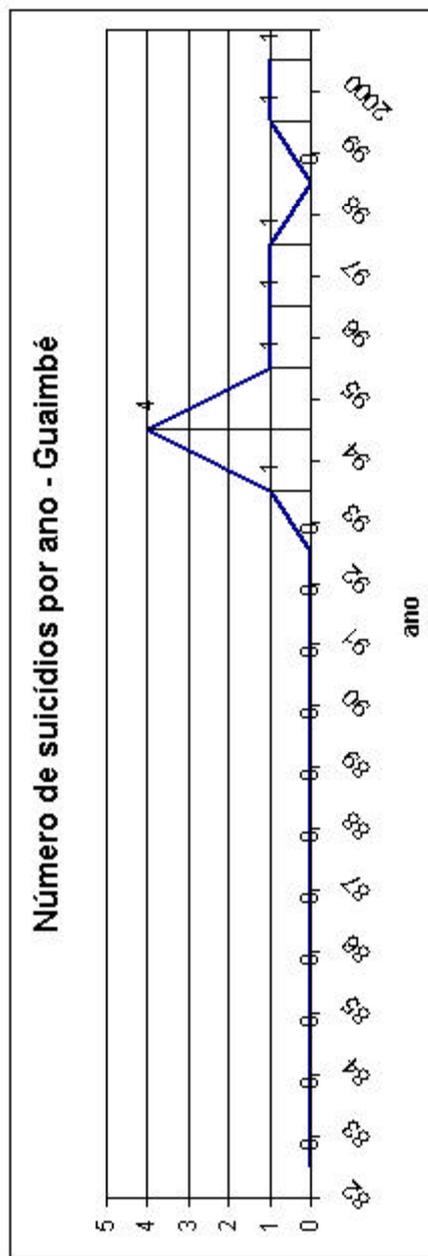
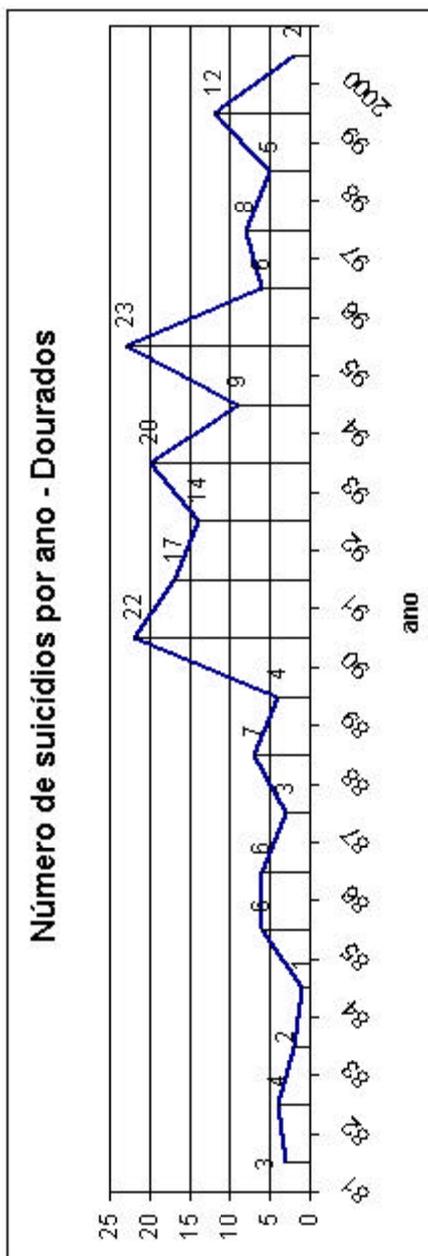


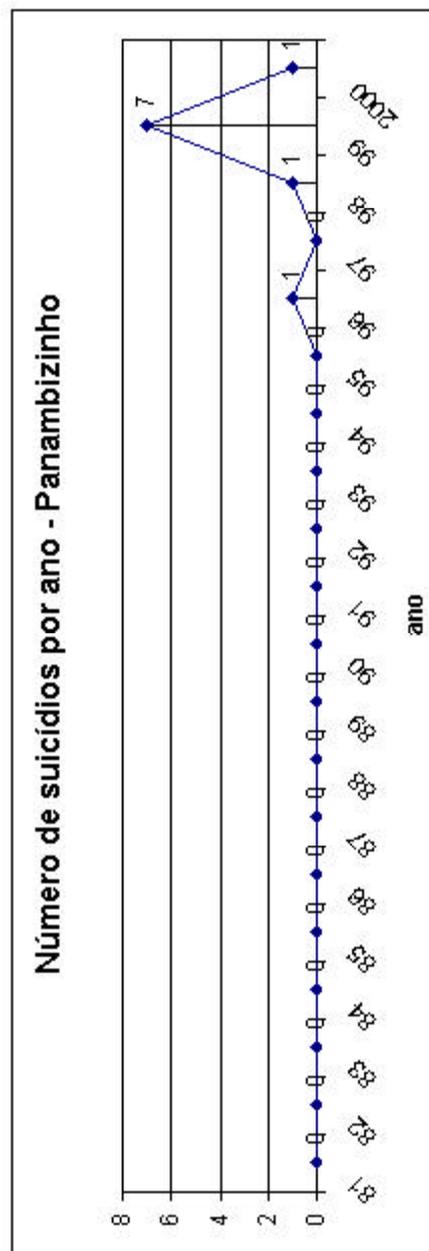
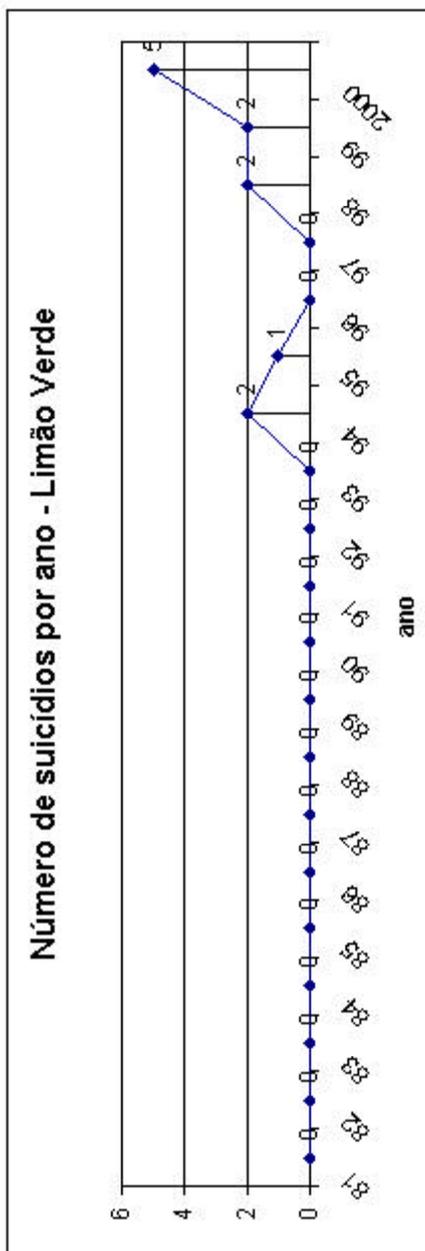
Porcentagem de suicídios em relação à população da área geral (1981-2000)

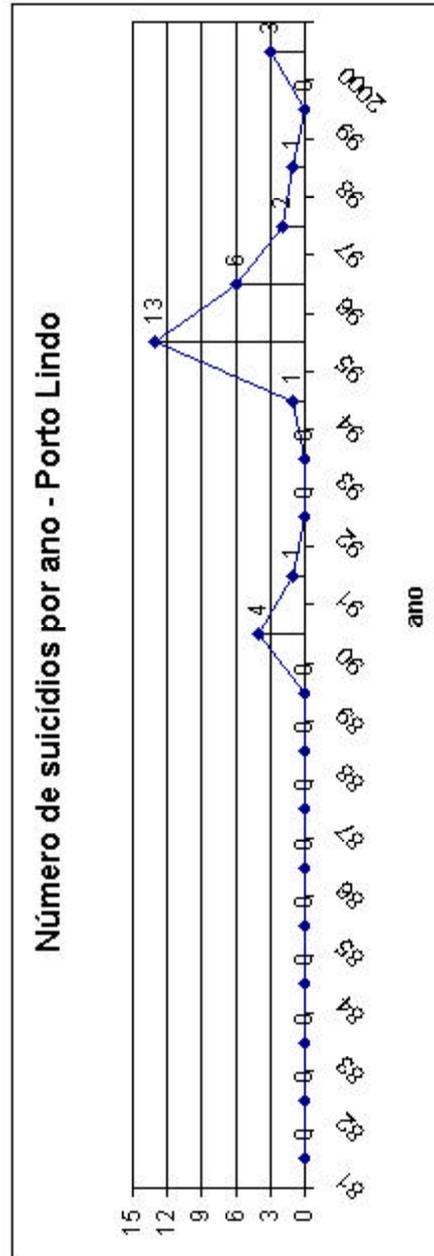
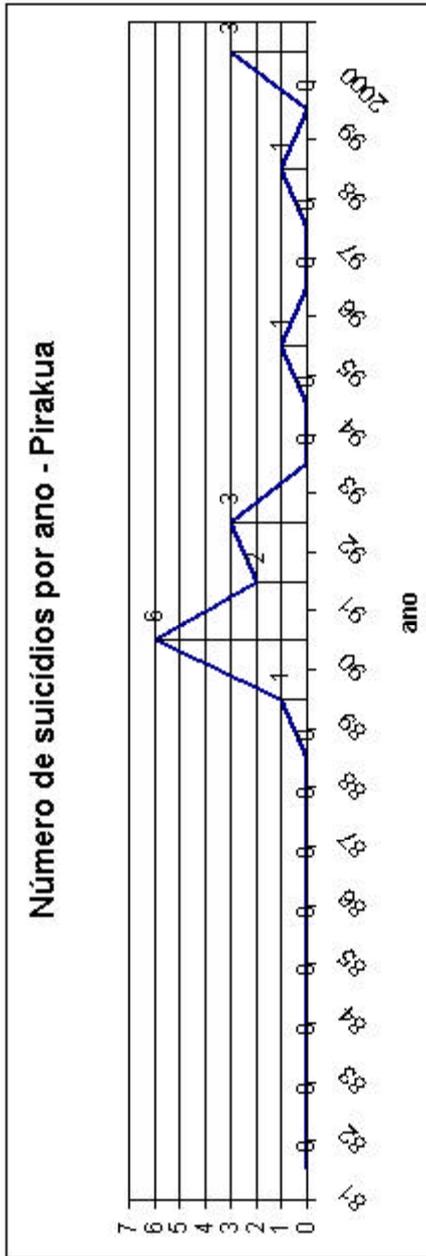


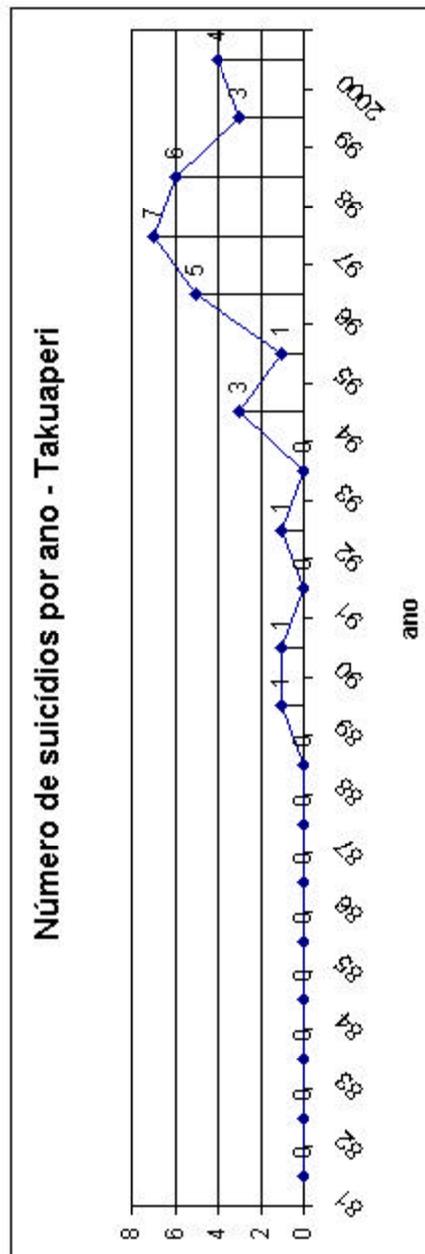
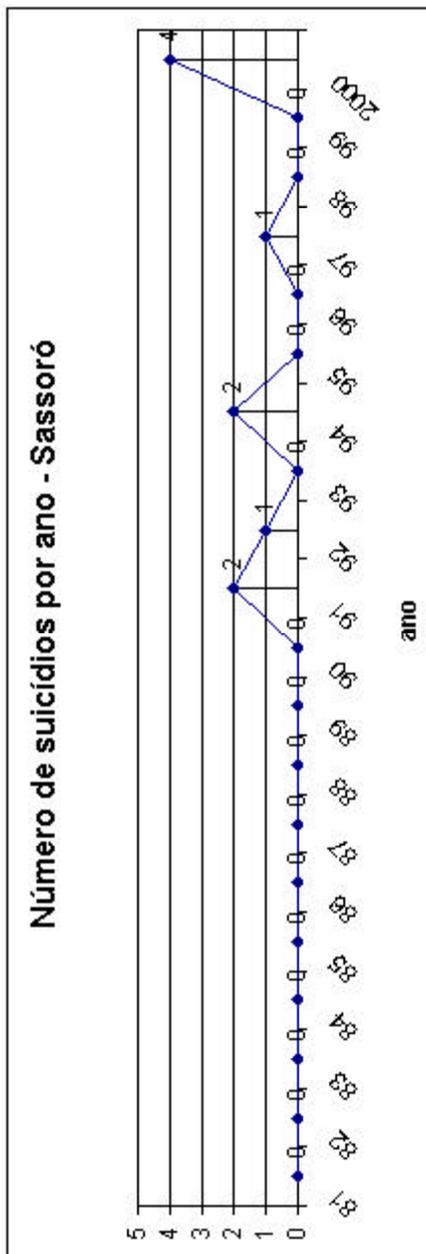












Visões Kaiowá sobre os suicídios

Antônio Brand*
Katya Vietta*

O alto de índice de suicídios levou os Kaiowá e Guarani, ao longo do ano de 1995 – ano em que se evidencia o maior índice –, a promoverem uma série de reuniões, com a participação de lideranças políticas e religiosas, além de vários segmentos da população. As reuniões tiveram como propósito discutir o problema e buscar alternativas para minimizá-lo. Os depoimentos a seguir retratam alguns aspectos que permearam essas discussões. Os *caciques* Júlio Lopes e Hortêncio Ricalde foram entrevistados por ocasião da primeira reunião, realizada para tal objetivo, ocorrida, na Reserva Indígena de Caarapó. Suas análises sobre os suicídios destacam os aspectos de caráter cosmológico, que permeiam o fenômeno, enfatizando, entre outros aspectos, o destino da alma humana após a morte. O depoimento de Feliciano Gonçalves, antiga liderança política da reserva de Caarapó, centra-se em uma abordagem socioeconômica, relacionando, entre outros fatores, a falta de perspectiva na produção e o alcoolismo à prática do suicídio.

Entrevista com Hortêncio Ricalde e Júlio Lopes¹

Júlio Lopes: Nosso sistema mudou, pegamos o *sistema do branco*. Já começaram a estragar a nossa vivência. O *jeovasa*, a família agora não está mais fazendo *jeovasa*. Quem se mata [por suicídio] não tem caminho [para o lugar onde deve ir a alma dos mortos]. Então, ele procura levar outros [suicidas] com ele. Mesmo assim, não acha a estrada. O *Tekojara* não recebe o *ayvukue* do suicida, Então o *ayvukue* fica [nesta Terra].

Hortêncio Ricalde: Entra no meio o *Aña*.

Júlio Lopes: Já que não segue mais o nosso sistema, o *Aña* dá para a pessoa o plano dele e a pessoa cumpre. *Aña* dá, para ele, o seu caminho,

* Pesquisadores do Programa Kaiowá/Guarani – NEPPI/UCDB.

este caminho não leva para cima. A alma da pessoa fica por aqui mesmo. O corpo dele se transforma em sapo ou em rato... Ele [*Aña*] vem do jeito dele, vem como vento, mas vento pequeno, não vento grande (redomoinho), vento que vem rodando. Porque nosso corpo é vento, e quando a gente não domina, não tem caminho.

Hortêncio Ricalde: Tem *angueri*, esse aí [o *angueri*] é que age para matar os outros. Por isso que morreram muitos. Isso é o que acontece para os Kaiowá. Muitos morreram, e, mesmo assim, ainda não acham o caminho. Se suicida, *Tekojara* não recebe [o *ayvukue*]. Se morre por causa de foice, machete e arma de fogo, *Tekojara* também não recebe. Quando morre doente, estes, normalmente, ele recebe. Aí tem condições de os companheiros dele, que já morreram acompanhar. Os que morreram cortados, ficam [aqui na Terra], não vão para cima de jeito nenhum. Quem morreu de *feitiço Tekojara* também não recebe, porque não morreu naturalmente, não foi chamado, morreu à força.

Hortêncio Ricalde: Para [afastar o] *angueri* tem reza. Tem que rezar para mandar assombração para *Kururuy* (Lagoa do Sapo). A reza indica a estrada [para o *Kururuy*]...

Hortêncio Ricalde: Para a população de [Reserva de] Amambai², a vida é baile, o baile que estraga a vida. Não usa mais os nossos costumes e a nossa *xixa* (*kagui*). Pegou a promessa de *Aña* e pegou a tristeza. E, quando pegou a tristeza, aí pegou o suicídio.

Júlio Lopes: A população de [Reserva de] Amambai não tem mais acesso para a iluminação de seu caminho... Esse tipo de vida que eles levam já está no fim. *Nanderikey Pa'i Kuara* tem uma arma, o *guaruje*. Já resolveram mandar esta arma aqui na Terra. Já baixou três camadas [do cosmos], mas não consegui descer na Terra. Os Kaiowá não agüentam este armamento, se baixar aquela arma ninguém vai sobreviver. Não precisa saber muita reza, mas precisa ter a iluminação do seu caminho. Aí não acontece nada para a pessoa. Se iluminar, não acha nem toco, nem cobra. Se achar cobra passa bem em cima. Se a gente não faz desse jeito, não ilumina nossa caminho, fica escuro. Aí, já acontece muita coisa, aí chega a doença...

Por causa disso foi feita uma reunião lá em cima, no céu, que durou 14 dias. Discutiram sobre o que a gente está sentindo, analisaram o que estamos sentindo aqui [na Terra]. *Nanderuvusu* soube do *Aramevusu* do *Nanderu*. Aí, ele está acompanhando *Kurupeju*, que é o dono da doença. Esse dono da doença, se alguém tem um veneno, e se ele abre,

cai a doença aqui. E quase não tem cura, por isso que é preciso ter chefe para cuidar do *Kurupeju*, ele chama *Karavireguassu*. Por isso, que tem muita doença, porque não tem mais *jeovasa*. Antigamente, levantava cedo e fazia *jeovasa*, mas não faz mais isso... Aí, *Kurupeju* acha isso bom, porque ninguém mais vai contra ele. Não faz mais *jeovasa*.

Agora fico pensando, se esse nosso *mborahei puku* e nosso *mborahei* continuar, vai ser bom. Mas se deixar assim [sem a realização das práticas rituais], vai ser pior. Nós mesmos, não vamos ver o que vai acontecer. Quem vai sentir as armas que estão sendo preparadas são as famílias novas (os jovens). O dono das armas vem olhando de cima, ele não desce aqui, mas olha a gente, para poder pensar como fazer. O *Tekojava* mandou um pesquisador, olhando para ver o que vai fazer. O nosso corpo para ele é vento, é fácil. Agora, que já amadureceu esta, mais rápido para acabar.

Yvyjaresaipa - a cruz (*Xiru*)- é que segura a Terra... Antes que a terra nascesse já havia o *Xiru*. Já que o *Xiru* é anterior à Terra, ele serve como nosso osso, nosso corpo e nossa saúde. Ele nasceu para tudo! Serve para produção [agrícola], foi ficar na mão do dono da produção [*Jakaira*]. Repartiram, um ficou na mão do *Karavireguassu* e na mão do *No~edusu*, outro na mão de *Mbaejara*. Esse nosso *Ñanderikeyrusu*, *Tataverá Jumir~i*, também divide o *Xiru*. *Xiru* tem que ser respeitado, não pode pegar de qualquer maneira. Não pode nem mexer, se não sabe a reza. Ele tem dó de nós, por nossa causa é que foi ficar lá, no céu. Só quando ilumina, vem o *Yvyrayja* dele. Esse *yvyrayja*, vem quando alguém reza para segurar a doença, ele vem para segurá-la. Ilumina forte, mas se não tem reza forte vem a doença... Se continuarmos desse jeito, levamos até nós ficarmos velhos. Ainda poderemos ver os nossos netos.

Júlio Lopes: Porque em [Reserva de] Caarapó *capitão* era bravo³. Aí, ficou o *angueri* dele [no interior da Reserva]. Ele virou sapo, guará, tatu, minhoca. Tudo vivo, bicho de chifre. Ele mesmo cria a violência aqui dentro, pedindo para acontecer esfaqueamento e violência, porque não encontrou o caminho. Mesmo rezando o jovem não agüenta, já pensa em fazer qualquer coisa para se matar ou matar alguém. Com 12, 13 anos de idade, não agüenta. Não agüenta, porque não sabe retornar a reza para o seu dono. Seguindo assim, os Kaiowá pegam a estrada errada, porque faz baile...

As pessoas novas e as pessoas velhas podiam participar das rezas, para poder entender nosso trabalho. Eles não sabem o que acontece, e não sabem se defender. Todos podiam participar, mas não participam.

Podiam pegar água batizada. Podíamos alcançar todas as pessoas que estiverem aqui, para poder ficar com o nosso corpo dominado. Mas, mesmo assim, nós fizemos um trabalho, para abrir o caminho para os *angueri*... E se mesmo assim acontece de novo, aí tem dono aqui mesmo. E, agora nos vamos chamar *Tyapujara* (dono da chuva), que vem com chuva, é como um tipo de polícia. Ele vem para terminar com os *angueri* que ainda estão aqui...

Entrevista com Feliciano Gonçalves⁴

... [Suicídio] Isso tá acontecendo, parece que é simples e não é simples. Porque quando eles discutem com a sua esposa ou com o marido, já vai com a corda correndo pro mato. Quando pensa que não, já tá pendurado. Porque eles, qualquer coisinha, que eles discute, ele faz essas coisa. Eu quando cheguei aqui⁵, por dentro de 49 anos e pouco tal⁶, de dois anos atrás, de dois ano pra cá, eu, primeira vez que fui fazer levantamento lá no Saverá⁷ eu vi aquele. Primeira vez, me deu medo. E, depois, parece que foi acostumando aquilo ali. É suicídio pra um lado, suicídio pra outro, de dois ano pra cá tá acontecendo muitas coisas, parece que foi aumentando cada vez mais. Porque qualquer coisinha já corre, até prá tomar veneno... Essas coisa? Porque, às vezes eles fala, pra acontecê isso aí, é, às vez é coisa mínima que eles fala um pro outro. E, já começa corre, corre. E, depois, corda no pescoço! Quando pensa que não, ele tá pendurado lá.

Agora, sempre eu falo, aqui pro meu povo, esse aí nenhum de nós podemo resolvê isso daí... Chega na casa, chega cansado mesmo. Ele vai pensá essas coisa. Ele chega na casa dele vai tomá um banho, volta, jantar; ou meio dia vem aí, se que almoça ou vai pro serviço dele. Agora, como ele não tem o que fazê, pensa muito essas coisa, sobre do parte do material dele. Quando vai discuti, já corre, já pensa tirá a vida dele. Tem uma pessoa, um índio, que mora lá no Saverá, falou assim, olha: - Eu, olho pro lado da minha família, eu tenho dó. Eu olho pro lado da minha roça, não tenho nada que dá de comer. Dinheiro, não tenho! Eu não tenho nem roça e não tenho nem um patrão pra mim saí e trabalhá. Então, tirando minha vida, [ele] falô, os outro trata dos meus filho... Isso, eu fiquei muito sentido com essas palavra, [que] uma vez essa pessoa me falô. Uma pessoa novo, pessoa casada... Então muitos, as pessoas, faz isso. Por causa disso, que não tem jeito,

né! Às vezes a idéia fraca, já começa a pensar na vida dele.

De dois anos pra cá, tem umas coisas que eu vejo, que eu nunca vi, nem de quando era criança, eu não vejo essas coisas, de vê se enforcando, esse povo, assim. Porque, por causa, como estava falando, agora, aqui, por causa de que ele começa com uma tristeza, ele vem pela tristeza, aí acha que essa tristeza não vai mais sair dele, começa pensar já na vida dele, né! Começa pensar, e às vezes fica. Talvez, nem a mãe, nem o pai consola ele. Aí vai, vai indo, vai indo, até que se enforca. Porque, essa tristeza, prá dizer bem a verdade, porque as coisa, a tristeza, nem o *capitão*, nem o chefe e nem nós, que somo liderança, nós não ajudamos mesmo nisso daí... E, por aí também corre esses negócio de bebida alcoólica, e já cria mais coragem prá fazer isso daí, porque são (sóbrio), só ele, não vai fazer. Então é isso que acontece negócio de enforcamento... É difícil, eu falo, porque, às vezes, a vida do material dele, financeiro, do material dele, achava que ele ia dali pra o mal, para o pior... Então, por aí ele acha que ele não vai resolver aqueles problemas dele. Então, por aí, eles passa, ele olha do material dele, aí fala só tirando minha vida mesmo, que menos caba isso daí, né! E por aí ele vai pensando, vai entrando naquela tristeza maior, vai acabá se enforcando! Isso que eu falo, ele acha que tá difícil, prá ele, acha que tá difícil pra resolver os causo dele.

Notas

¹ Entrevista realizada em 23 de março de 1995, por Antonio Brand e Hamilton Benites. Hamilton é Kaiowá e reside na aldeia Paraguasu. Tradução: Antonio Brand e Hamilton Benites. Revisão: Katya Vietta.

Hortêncio Ricalde nasceu em 1928 e Júlio Lopes nasceu em 1930. Ambos no atual município de Aral Moreira - MS. Hoje moram na aldeia Guasuty, localizada no mesmo município. Júlio Lopes e Hortêncio Ricalde são *ñanderu*.

² Júlio Lopes destaca a Reserva Amambai, devido à grande incidência de casos de suicídio ocorridos, no local, em período imediatamente anterior à entrevista.

³ Refere-se a dois antigos *capitães* que foram assassinados.

⁴ Entrevista realizada em 27 de abril de 1995, por Antonio Brand. Revisão: Katya Vietta. Feliciano nasceu em 1943, na aldeia Takuara. Morou até 1998, ano em que faleceu, na Reserva de Caarapó, no município de Caarapó, MS. Feliciano era vice-capitão da Reserva de Caarapó

⁵ Refere-se à Reserva de Caarapó.

⁶ Quando tinha cerca de 49 anos.

⁷ Denominação de uma das regiões que compõem a Reserva de Caarapó.

